

Rizoma: um método para as redes?

Flavia Turino Ferreira*

Resumo Este artigo tem como objetivo explorar algumas das potencialidades da noção de rizoma, não apenas como um conceito, mas, sobretudo como um método para a pesquisa, evidenciando suas ressonâncias com a temática contemporânea das redes. Tomando por base as conceituações formuladas por Gilles Deleuze e Félix Guattari acerca do rizoma em sua obra *Mil Platôs*, procuraremos apontar algumas pistas deixadas pelos autores sobre em que consistiria tal método rizomático. Mais especificamente, iremos nos deter nos princípios de decalconomia e de cartografia, buscando evidenciar sua aplicabilidade aos estudos das redes.

Palavras-chave Rizoma, cartografia, mapa, decalque, binaridade, desterritorialização.

Rhizome: a method for networks?

Abstract This paper aims to explore some potentialities of the notion of rhizome, not only as a concept but especially as a method for research, pointing out its resonances with the contemporary theme of networks. Taking as a starting point the ideas Gilles Deleuze and Felix Guattari about rhizomes in *A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia*, we intend to point out some clues the authors leave about what this rhizome method is. More specifically, we to examine the principles of decalcomy and cartography, throwing light on their application to the study of networks.

Keywords Rhizome, cartography, map, tracing, binary, deterritorialization.

Introdução – Do sistema arborescente à raiz fasciculada

No decorrer da história do Ocidente, é possível vislumbrar a subordinação do múltiplo pelo uno como uma característica marcante, onde o uno sempre esteve contido no múltiplo. Como ilustram Deleuze e Guattari, “*No Ocidente a árvore plantou-se nos corpos, ela endureceu e estratificou até os sexos*” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 29). Além disso, muitas vezes, na história, o múltiplo só foi admitido para garantir o uno por oposição dialética. O pensamento binário produziu a metafísica, colocando a transcendência em um lugar privilegiado em relação à imanência.

* Mestre em Filosofia pela PUC-Rio e doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Contato: Largo dos Leões 140, bl. 2ª apto 401 – Humaitá, Rio de Janeiro, telefone (21) 2246-6688 e e-mail flavia.turino@gmail.com

Desde os tempos da Grécia antiga, vivemos pensando por oposição, separação, conceituação e classificação. Dentro dessa perspectiva, o esquema arborescente de Platão é até hoje utilizado como “paradigma” em diversas áreas do saber. Para este pensador, a filosofia seria uma busca pela verdade e pelas essências das coisas (as Idéias) que só poderiam ser alcançadas por um discurso e um raciocínio dialético, cujo método polarizado priorizava a dualidade no alcance de um conceito Uno. O método dedutivo adotado por este filósofo teria como base o princípio da decomposição dos elementos que se daria por oposição e dualidade, e que conduziria as pessoas da mera opinião (*doxa*, mundo sensível) ao mundo das Idéias. Além disso, as Idéias remetiam à unidade das coisas e ao mesmo, ou seja, havia uma recusa às diferenças e às multiplicidades (que não passavam de meros acidentes e imperfeições das coisas em relação a sua idéia). Contudo, não apenas Platão influenciou nossa maneira de pensar. Esta é uma questão podemos remontar aos pré-socráticos (na eterna disputa entre Parmênides e Heráclito) na defesa da unidade ou da multiplicidade, do movimento ou da imobilidade, passando por Sócrates, Platão e Aristóteles¹, prosseguindo pela Idade Média.

Segundo Deleuze e Guattari, tal forma de configuração dos desejos se dá segundo uma lógica arborescente que tem como constituinte a dualidade, a compartimentalização, a causalidade, a sucessividade, onde os opostos se completariam e cujo tronco principal representaria um dipolo de ligação, isto é, o tronco seria o conceito que permearia e guiaria todos os outros segmentos da árvore (até mesmo os segmentos opostos ao tronco têm como referência o mesmo). Além disso, este tipo de esquema tem como características pontos fixos de onde surgem galhos ligados a este centro.

Com efeito, se se considera o conjunto galhos-raízes, o tronco desempenha um papel de *segmento oposto* para um dos subconjuntos percorridos de baixo para cima: um tal segmento será um “dipolo de ligação”, diferentemente dos “dipolos-unidades” que formam os raios que emanam de um único centro” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 26).

No período moderno, com a “invenção da ciência” (STENGERS, 2001), passa-se a priorizar a purificação dos saberes. Tudo o que pode ganhar estatuto de verdade deve ser quantificado e classificado dentro de um campo determinado do saber. As polarizações que advêm deste movimento (sujeito-objeto, homem natureza) se dão por uma sobreposição do racional ao corpóreo, assim como pela cientificização e objetivação da compreensão do mundo. Citando Deleuze e Guattari (2000, p. 14): “*Desta vez a realidade natural aparece no aborto da raiz principal*”. O objeto agora é que está em foco. Além disso, com a supervalorização da ciência tem-se uma hierarquização dos saberes que irão refletir no próprio modo da produção de subjetividade da época. Deleuze e Guattari nomeiam tal lógica de raiz fasciculada, onde se retira o tronco principal (ou pivô) que caracterizava o sistema arborescente. Tal forma de pensar aceita o múltiplo com relação aos objetos. Parte-se aqui do objeto e não mais do sujeito. Contudo, apesar de eliminar o tronco principal e aceitar o múltiplo nas coisas, tal sistema sempre remete a uma unidade que é vista como uma solução. Portanto, se as estruturas arborescentes admitem a hierarquização como primado de seu sistema, a radícula, apesar de abortar o tronco principal, trás consigo uma solução totalmente ordenada por uma escala de valores. Deleuze e Guattari ilustram este tipo de sistema com o teorema da amizade de Rosentiehl e Petitot: “se, numa

¹ ARISTÓTELES classifica os seres em espécie, subespécie etc. e ainda cria uma categoria que reúne todas as espécies em uma unidade, a do *Ser*.

sociedade, dois indivíduos quaisquer têm exatamente um amigo em comum, então existe um indivíduo amigo de todos os outros” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 27). A radícula pode produzir, por exemplo, uma segmentarização circular cujas circunferências são concêntricas, indicando sempre uma unidade, uma classificação e uma ordenação valorativa².

Na ciência, por exemplo, o conceito de natureza é esta unidade; já nas ciências sociais este uno seria o social. Nestes casos, produz-se um formato cíclico que sempre afirma uma unidade superior. Ao partir do objeto, tal noção produz a crença na neutralidade e na objetividade e neste caso o sujeito passa a ser ambivalente.

Vale dizer que o sistema de raiz fasciculado não rompe verdadeiramente com o dualismo, com a complementaridade de um sujeito e de um objeto, de uma realidade natural e de uma realidade espiritual: a unidade não pára de ser contrariada e impedida no objeto, enquanto que um novo tipo de unidade triunfa no sujeito. O mundo perdeu seu pivô, o sujeito nem pode nem mesmo mais fazer dicotomia, mas acede a uma dimensão sempre suplementar àquela de seu objeto (DELEUZE & GUATTARI, 2000a, p. 14).

Esta característica Ocidental de separação e de compartimentarização se estendeu a todas as instâncias das vidas, portanto ela esteve presente desde a organização arquitetônica de uma casa, até a organização do pensamento. A lógica central tanto da árvore quanto da radícula foi sempre remeter-se a uma unidade conceitual, classificatória e reducionista. A própria noção de indivíduo é uma idéia segmentada, assim como a divisão entre sujeito e objeto.

Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõe. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacialmente e socialmente. A casa é segmentarizada conforme a destinação de seus cômodos; as ruas, conforme a ordem da cidade; a fábrica, conforme a natureza dos trabalhos e das operações (DELEUZE & GUATTARI, 2000a, p. 84).

A crença de que a segmentarização produziria maior objetividade às análises fez com que a ciência fosse altamente valorizada na modernidade, por se crer em sua neutralidade, gerando uma crença correlata em seu descompromisso político. A purificação do mundo foi um empreendimento da modernidade que até hoje tem reflexos em nossos corpos e nossas vidas. Da modernidade herdamos a fé de que somos independentes das coisas que produzimos e que os juízos científicos são realmente verdadeiros, pois sua objetividade faz com que um fato venha à tona. A maioria dos métodos de pesquisas, nessa época, tem um caráter quantitativo que visava justamente à classificação (e a hierarquização), a conceituação (logo a busca da identidade), reforçando a crença de que o pesquisador pode ser neutro em relação ao estudo que realiza. Podemos, como exemplo, nos remeter a algumas abordagens no campo da antropologia, que, ao

² Para mais sobre este assunto, consultar DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs* (volume III) - *Micropolítica e segmentaridade*. São Paulo: Editora 34, 2000a.

começarem a explorar as culturas tidas como primitivas, acabaram por classificá-las e ordená-las de acordo com a visão Ocidental, reduzindo e modificando as formas de agenciamento destes povos. Segundo Guattari, na tentativa de acabar com o etnocentrismo cultural, tal concepção estabeleceu noções como as de “personalidade de base” nas sociedades primitivas; neste mesmo movimento, contudo, introduziu-se o conceito de cultura dentro destas sociedades, multiplicando-se o etnocentrismo através de um policentrismo cultural. Cada sociedade passou a ter sua cultura coletiva. Assim,

(...) da mesma maneira que o burguês fidalgo de Molière descobre que ele “faz prosa”, as sociedades primitivas descobrem que “fazem cultura”
(...) Mas elas não fazem nem cultura, nem dança, nem música. Todas essas dimensões são inteiramente articuladas umas às outras num processo de expressão, e também articuladas com sua maneira de produzir bens, com sua maneira de produzir relações sociais (GUATTARI & ROLNIK, 2000, pp. 18/19).

Portanto, as várias tentativas de classificar e ordenar conceitos a fim de se produzir um pensamento sistematizado acabaram fabricando, ao longo do tempo, uma forma estratificada de efetivação dos desejos.

Transformações contemporâneas: pensando com(o) Rizoma³

Atualmente, apesar de ainda reproduzirmos em diversos momentos e lugares a lógica binária, as inúmeras transformações que vêm se configurando – sobretudo a partir das novas tecnologias multimídias e do alcance das redes de comunicação de massa – têm produzido formas diferenciadas de subjetivação. Estes novos dispositivos estão produzindo uma outra configuração do desejo e fabricando diferentes modos de efetuação e de afetação. Aquela solidez do sujeito moderno está se transmutando de maneira que podemos falar de uma espécie de fluidez nos processos de subjetivação, que são atravessados por conexões instantâneas e cambiantes. Com isso, podemos perceber uma proliferação de subjetividades mutantes (ou esquizos), em que cada nova ocorrência de acontecimentos configura uma oportunidade para outras possibilidades de subjetivação; as infinitas escolhas e conexões feitas no instante acabam irrompendo numa nova forma de subjetivar-se a todo momento. É isto que nos possibilita argumentar que o conceito de sujeito vem perdendo seu referencial simbólico e tudo aquilo que um dia foi sua “fundação”.

³ Em botânica, chama-se rizoma a um tipo de caule que algumas plantas verdes possuem, que cresce horizontalmente, muitas vezes subterrâneo, mas podendo também ter porções aéreas. O caule do lírio e da bananeira é totalmente subterrâneo, mas certos fetos desenvolvem rizomas parcialmente aéreos. Certos rizomas, como em várias espécies de capim (gramíneas), servem como órgãos de reprodução vegetativa ou assexuada, desenvolvendo raízes e caules aéreos nos seus nós. Noutros casos, o rizoma pode servir como órgão de reserva de energia, na forma de amido, tornando-se tuberoso, mas com uma estrutura diferente de um tubérculo. Segundo Deleuze e Guattari (2000), que utilizam este conceito em seus trabalhos de filosofia: um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança.

Dentro deste quadro, a *lógica das redes* parece hoje aproximar-se mais da forma contemporânea de pensar.

A compreensão da época em que vivemos apóia-se, cada dia mais, sobre o conceito de rede. A rede atravessa hoje todos os campos do saber – da biologia às ciências sociais, passando pelas ciências exatas – seja como conceito específico, em cada um destes campos, seja como paradigma e imagem do mundo, ou ainda como rede sociotécnicas necessárias a produção do conhecimento (PARENTE, 2000. p.171).

O sociólogo das ciências e das técnicas Bruno Latour também nos oferece uma interessante reflexão sobre esta temática (LATOURE, 1994). Segundo Latour, se, na modernidade, de um lado as ciências tentavam purificar os saberes e experimentos, de outro a sua prática produzia cada vez mais hibridações, misturas – ou mestiçagem como diria o filósofo Michel Serres (1999). Portanto, por mais que árvores ou radículas fossem “plantadas” pelos cientistas e estudiosos nas subjetividades, existia um outro plano que não era anterior, nem posterior, mas contínuo, onde tudo o que ficava “fora” da purificação se conectava com o que era considerado “puro”, produzindo o que Latour chama de híbridos e que compõem o que ele também denomina de redes⁴ sociotécnicas. A rede é formada por fluxos, misturas, conexões tendo sempre múltiplas entradas e saídas. Na concepção de Latour – que se confessa francamente inspirado na noção de rizoma para formular sua Teoria Ator-Rede (CRAWFORD, 1983) – na rede todos são atores, não só os humanos, mas também os não-humanos, já que não existe uma hierarquização entre os entes, que são produzidos e se produzem a cada momento.

O processo de enredamento se dá a todo instante, compondo e decompondo novos territórios. No caso da pesquisa científica, por exemplo, pode até existir a crença por parte dos cientistas da objetividade de um experimento. Contudo, como afirma Latour, a aceitação de uma experimentação pela comunidade científica envolve também outras entidades tidas como não-científicas, como: a divulgação, o financiamento, a mídia, a luz do laboratório, dentre outros actantes (LATOURE, 2000). Todas estas múltiplas conexões fazem com que um feito⁵ torne-se um fato. Para Latour, ao produzir um fato científico, os cientistas criam no laboratório um Parlamento⁶ onde se fala em nome das coisas, de modo semelhante ao que acontece na política, em que o soberano fala em nome do povo. Em ambos, o que ocorre são traduções/traições a quem (ou ao que) se representa. Contudo assim como nenhum soberano é o único representante de uma nação, nenhum cientista é o único que tem autoridade para falar das coisas, já que existem outras práticas de mediação que no ato de purificar são deixadas de lado. O pesquisador muitas vezes, ao estudar determinado fenômeno, esquece de toda a rede de atores humanos e não-humanos que interagem com ele e que possibilitam que seu feito se torne um fato. Como bem ressaltam os estudos de sociologia das ciências, “(...) *um fato não se constitui por sua racionalidade, mas antes pelos seus efeitos de racionalidade, produzidos a partir do momento em que é acolhido na comunidade científica, e para tanto precisa interessar, convencer, produzir informação nova.*” (MORAES, 2000).

⁴ As redes, para LATOURE e também para SERRES (1999), têm um caráter não apenas topológico como, sobretudo, ontológico.

⁵ Em francês, tanto *fato* quanto *feito* são representadas pela mesma palavra *fait*. (LATOURE, 2002)

⁶ A palavra Parlamento é usada para enfatizar que a ciência e a política não andam separadas e que não existe neutralidade, nem objetividade nas pesquisas.

O que liga os atores são os interesses que convergem em algum ponto das redes, produzindo um nó (único elemento constitutivo da rede). Na perspectiva latouriana das redes, não existe um lugar privilegiado para se falar sobre as coisas, múltiplas são as entradas e conexões que compõem algo como fato. Não faz sentido, portanto, falar de um só inventor ou pesquisador como se ele fosse o “descobridor” de algo, pois o que se produz é um efeito coletivo de conexões múltiplas e heterogêneas.

Noções como sucessão e forma seriam apenas uma das maneiras da rede se configurar dentro de suas conexões múltiplas e heterogêneas. A rede, tal como a pensamos, é a-centrada e sem forma pré-definida, já que ela se configura e se desconfigura a partir de movimentos, de fluxos, conexões e alianças entre os diversos atores. Segundo Serres a rede é irregular, mas é ela que trabalha na gênese da regularidade. A rede constitui um campo tensional de forças heterogêneas, conjugando assim a diferença em sua multiplicidade. Esta maneira contemporânea de pensar as relações em rede tem como base e inspiração a temática do rizoma tal como formulada na obra de Deleuze e Guattari:

Assim, por exemplo, nas pesquisas sobre a Aids, os cientistas não são os únicos representantes do vírus HIV, ao lado deles estão os doentes, as indústrias farmacêuticas, os grupos de apoio, o governo. Entre esses atores são estabelecidas alianças performativas, negociações das quais emanam as decisões a serem tomadas a respeito do vírus e da doença. O parlamento das coisas é uma rede, um **rizoma** que funciona sem o julgamento de uma unidade trans-cendente, sem demarcações estabelecidas, sem bordas. Assim como na filosofia de Deleuze e Guattari o **rizoma** é o modo de realização das multiplicidades, para Latour, o parlamento das coisas é o modo de realização da rede de atores. (MORAES, 2000, grifo nosso).

Explorando a noção de Rizoma e seus princípios

Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (2000) discorrem sobre a noção de rizoma, que assume um caráter ontológico nas suas obras. Ontologia aqui deve ser entendida como o jogo de forças que se passa entre o virtual e atual. Diferentemente da ontologia clássica que fala de seres e coisas – isto é, de fluxos que já estão reduzidos a um conceito – a ontologia nestes autores trata do movimento das diferenças que agem no interior e no exterior das multiplicidades. Se a ontologia clássica trata da identidade, do ser e do uno, em Deleuze e Guattari a diferença é o que permite o processo de criação que deve se repetir incansavelmente. Este movimento paradoxal traz consigo o próprio devir que está sempre se repetindo, se reafirmando, sendo que ao retornar este nunca é o mesmo.

O rizoma seria uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade. Para os autores, a própria maneira de se nomear as diferenças como *O Múltiplo* já subordinaria a pluralidade a uma forma unitária. O artigo definido “o” acaba reduzindo a multiplicidade a uma identidade definida, o que de forma alguma pode ser uma expressão das diferenças, já que, desta maneira, acaba-se remetendo as singularidades às identidades, limitando-as. Com o termo *multiplicidades*, escapa-se do esquema binário de Uno-Múltiplo, que dão lugar agora aos jogos de forças, vetores que se ligam uns aos outros, simulando novas misturas. As singularidades não

podem ser pensadas a partir do artigo definido, mas sim pelo artigo indefinido, pois este não fecha novas possibilidades de agenciamentos. Definir o que está sempre em movimento seria estagná-lo, retirar do acontecimento o que ele tem de mais rico: o devir. Assim, ao invés de submeter a multiplicidade à unidade, deve-se extrair o conceito de uno da multiplicidade, isto é deve-se escrever a *n-1*. Além do artigo definido, o verbo Ser também não é apropriado para expressarmos o movimento, já que ele também remete a uma identidade pré-fixada⁷.

Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazer ouvi-lo. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre *n-1* (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a *n-1*. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.15).

Se o rizoma deve expressar os agenciamentos que se produzem nos acontecimentos, ele não pode ter uma estrutura definida, pois assim aconteceria um aprisionamento, como na árvore. Ele se constitui de novas formas a todo instante, escapando de configurações prévias. Deleuze e Guattari dão algumas pistas sobre a produção de um rizoma e fazem isso elaborando seis princípios, que visam justamente reafirmar a falta de uma configuração prévia.

O primeiro princípio trata da *conexão*, portanto um ponto pode se ligar ao outro independente de um pertencer a uma linhagem e o outro a uma outra, não existindo no rizoma nenhum esquema de oposição ou binaridade que não possam ser conectados. Assim, o esquema rizomático não leva em conta genealogias (esquema arborescente) ou evolucionismos; pensar multiplicidades é saber que, ao invés de definições fechadas e de conceitos prévios, o que se tem são agenciamentos, conexões entre todos os lados, hibridações que mudam de acordo com os novos acontecimentos que se criam. As entradas de um rizoma são múltiplas, fazendo com que ele seja *a-centrado* e que ele tome qualquer direção e forma. Não existe forma prévia, nem determinismos, as conexões são feitas por contágio ou contato.

Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muitos diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.,..., colocando em jogo não somente regime de signos diferentes, mas também estatuto de estado de coisas. *Os agenciamentos coletivos de enunciação* funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos*, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.15)

⁷ “A árvore não é verde ela verdeja”, dizem Deleuze e Guattari. Afirmar que a árvore é verde significa fixar um padrão identitário para ela; ao contrário, quando utilizamos o verbo no infinitivo, conservamos o próprio movimento da árvore que designa seu estado momentâneo. Ela está verde, mas em outro momento ela vai amarelar, avermelhar.

O segundo princípio trata da *heterogeneidade* e afirma que o rizoma não se reduz à linguagem. A língua é uma das linhas do rizoma, mas não a única. Um rizoma vai além das conexões puramente lingüísticas, sendo atravessado por cadeias biológicas, políticas, materiais, culturais, econômicas, em todas as suas modalidades. Não existe superioridade de uma em relação à outra, mas somente agenciamentos que conectam coisas de natureza heterogêneas em um mesmo plano.

O terceiro princípio é o de *multiplicidade* (termo que os autores preferem ao de O múltiplo como vimos acima) cuja inexistência de unidade seria sua característica principal (n-1). Assim, na instância da multiplicidade não faz sentido falarmos de sujeito ou de objeto, já que se trata aqui de grandezas e determinações que se expandem de acordo com seus agenciamentos. “*Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões.*” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.17) As multiplicidades são linhas, nunca pontos fixos. Além disso, só existe uma unidade ou identidade na multiplicidade quando se produz, ou processos de subjetivação, ou processos de significação (desta maneira, dissimulam-se essências). Assim, se de um lado a unidade cria uma sobrecodificação da multiplicidade, produzindo uma dimensão vazia de sentido; de outro o rizoma criaria um plano de consistência que está sempre em expansão e movimento, o que não permite que ele seja capturado pela sobrecodificação.

As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga⁸ ou desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. (...) *As multiplicidades planas a n dimensões são a-significantes e a-subjetivas. Elas são designadas por artigos indefinidos, ou antes partitivos (ces't du chiendent, du rizome...)* (DELEUZE & GUATTARI, 2000, pp.17-18).

Há, portanto, uma necessidade de se diferenciar duas formas de multiplicidades: a multiplicidade intensiva, que se liga a fruição de forças, e a multiplicidade extensiva, que se configura quando as multiplicidades intensivas sofrem um recorte conceitual/lingüístico, tornando-se espaço/temporais, hierárquicas, sucessivas e homogêneas. Este segundo movimento aqui descrito se caracteriza pelo mundo lógico da matéria, forma e conceito. Ela é quantitativa, na medida em que, aqui, multiplicidade é sinônimo de uma pluralidade de coisas que têm em comum serem iguais. Neste caso, a divisão da multiplicidade em nada altera sua identidade. Contudo, no caso da multiplicidade intensiva, dividir implica em um novo plano que se produz no momento em que este é recortado. Esta ruptura no fluxo das intensidades é que vai produzir as identidades, já que ao dividir as multiplicidades intensivas produz-se uma redução das mesmas a um conceito, a uma linguagem, à relação causa e efeito e a uma sucessividade tanto temporal quanto espacial.

Como afirmam Tadeu, Corazza e Zordan (2004), este recorte não é uma ruptura entre ambas e sim uma continuidade: “*Há entre as duas espécies de multiplicidade, uma ‘continuidade’ tal que uma multiplicidade extensiva nada mais é que a expressão espacial de uma multiplicidade intensiva*” (p.138).

⁸ A linha de fuga marca, ao mesmo tempo, a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre o mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 17).

O quarto princípio é o de *ruptura a-significante*, que dizem respeito aos processos de territorialização e desterritorialização. Implica que, no rizoma, estão contidas não só linhas de fuga e rupturas, mas também árvores e raízes. Assim sendo, o rizoma pode tanto acabar produzindo uma árvore numa linha de fuga, quanto produzindo linhas de fuga em sistemas hierarquizados. Tais processos de territorialização e desterritorialização fazem parte um do outro, e os autores exemplificam este processo pela relação da orquídea e da vespa.

A orquídea se desterritorializa formando uma imagem, um decalque da vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornado-se ela mesma uma peça de aparelho de reprodução de orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.18).

Portanto, a relação da orquídea com a vespa não é de hierarquia, evolução, muito menos imitação. O que se tem é o devir orquídea da vespa e vice versa. Para os autores, se existisse uma evolução esta não seria a do esquema arborescente de descendência, mas uma evolução a-paralela, onde quanto mais se produz novos agenciamentos, mais se expande a potência dos desejos: “Evoluímos e morremos devido a nossas gripes polimórficas e rizomáticas mais do que devido às nossas doenças de descendência ou que têm elas mesmas sua descendência. O rizoma é uma antigenealogia”. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.20)

Os princípios de cartografia e decalconomia: pista de como o rizoma pode ser método.

O rizoma produz agenciamentos múltiplos, configurando um mapa que a toda hora está em mudança. É desta maneira, ao reproduzirmos este mapa, estamos criando um decalque de um determinado instante dele. O método cartográfico é aquele utilizado como o instrumento que vai “fotografar” o acontecimento. É disto que se tratam o quinto e sexto princípios do rizoma, isto é: da *cartografia* e da *delcaconomia*.

O princípio de cartografia é metodológico, e diz respeito ao mapa traçado. Mapear significa acompanhar os movimentos e as retrações, os processos de invenção e de captura que se expandem e se desdobram, desterritorializando-se e reterritorializando-se no momento em que o mapa é projetado. Ao produzi-lo, estamos no plano da invenção e não mais no da representação. Portanto, assim como o rizoma é sempre criador, mapear um acontecimento é um processo de invenção, onde se segue o devir. Cartografar é estar atento às maneiras que o desejo encontra de efetuar-se no campo social, não importando, desta maneira, os juízos de valor de falsidade/verdade e do teórico/empírico⁹. O cartógrafo é, neste caso, um analista do desejo, que deve estar sempre atento às formas com que este se expande. Portanto, trabalhar com a

⁹ “Explico: se o cartógrafo nada tem a ver com os mundos que se criam (que conteúdos, que valores, que línguas) – questão moral –, ele tem, e muito, a ver com o quanto os mundos que essa vida cria têm como critério sua passagem. Aqui, há uma questão ética. Em outras palavras: se não cabe ao analista do desejo sustentar valores, não é por isso que não lhe cabe sustentar coisa alguma” (ROLNIK, 1989, p.74).

cartografia é falar da instância do ativo-reativo. Segundo Suely Rolnik: “*Todas as entradas são boas desde que as saídas sejam múltiplas*” (ROLNIK, 1989, p.66). O que importa na cartografia é: que tipos de afetos os encontros de corpos produzem nos acontecimentos? São esses ativos, isto é, promovem a expansão da potência e da vida? Ou reativos? Como o desejo encontra formas de se efetuar?

No livro *Cartografias sentimentais*, Suely Rolnik elabora um “manual” do cartógrafo, que objetiva direcioná-lo em sua pesquisa. De princípio, a autora alerta que não existem direções prefixadas a serem seguidas:

Restaria saber quais são os procedimentos do cartógrafo. Ora, estes tampouco importam, pois ele sabe que deve “inventá-los” em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso **ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado**. (ROLNIK, 1989, p.68).

Segundo a autora, o critério do cartógrafo consiste no grau de abertura para vida que cada um se permite naquele momento. O seu princípio é, desta forma, extramoral; ou seja, trata-se de princípios vitais que se referem ao “(...) *quanto a vida está encontrando canais de efetuação*. (...) *Este princípio é um antiprincípio: um princípio que o obriga a estar mudando de princípios*.” (ROLNIK, 1989, p.70).

A regra do cartógrafo é a de avaliar o quanto o corpo suporta em cada situação; até que ponto o desencantamento das máscaras que nos constituem, sua perda de sentido, ultrapassam o limiar da afirmação da vida, constituindo-se em pura negação. Esta é a regra do cartógrafo de prudência e delicadeza com a vida. Ou seja, há momentos em que “*a reatividade das forças deixa de ser reconversível em atividade e começa a agir no sentido da pura destruição de si mesmo e/ou do outro: quando isso acontece, o cartógrafo, em nome da vida, pode e deve ser absolutamente impiedoso*”. (ROLNIK, 1989, p.71).

O decalque é empregado pelo sistema arborescente e o sistema radícula, já que será a partir dele que os processos de hierarquização poderão ser produzidos. A reprodução do mapa, nestes dois sistemas, passará por processos de subjetivação que irão priorizar certos acontecimentos de acordo com o objetivo do que se quer propagar. Assim, o decalque passa por um sistema de hierarquização, binaridade e transcendência, e torna-se o modelo a ser seguido. Acontece, então, a supervalorização do sistema que se criou a partir do decalque, sendo a dinâmica do mapa descartada. Neste caso, o decalque aprisiona e cristaliza um determinado momento do mapa, criando valores e juízos a partir deste.

O decalque já traduziu o mapa em imagens, já transformou o rizoma em raízes e radícula. Organizou, estabilizou, neutralizou as multiplicidades segundo eixos de significância e de subjetivação que são os seus. Ele gerou, estruturalizou o rizoma, e o decalque já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa. Por isso ele é tão perigoso. Ele introjeta redundâncias e as propaga. O que o decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou pontos de estruturação. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.23)

No trecho acima, os autores alertam para o perigo que pode haver ao utilizarmos o decalque, pois ele pode paralisar um rizoma. Assim, ao utilizar cartografia como método para reproduzir uma parte do mapa, o pesquisador tem que ter o cuidado de não acabar tomando o decalque como um absoluto, já que deste jeito acaba-se entrando no processo binário. A questão aqui não é de oposição entre mapa e decalque, posto que ambos se relacionam diretamente (o decalque como foto do mapa). Contudo para não cristalizarmos o mapa “é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.23), ou seja, este deve sempre estar sendo submetido ao plano de imanência e não ao contrário. O mapa está em constante mudança, está sempre se reconfigurando através de movimentos de territorialização e desterritorialização; expansão e retração; que produzem novas linhas de fuga, assim como novas árvores no rizoma.

Do mesmo modo que o decalque e o mapa não são opostos, o rizoma e a raiz também não o são (até porque se os autores afirmassem esta oposição cairia por terra a multiplicidade do rizoma). Logo, de um rizoma podem surgir cadeias de hierarquias, assim como da árvore pode brotar um rizoma. Como ressaltam Deleuze e Guattari, “existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar um rizoma.” (2000, p.24). Portanto, a árvore-raiz e o rizoma-canal não se opõem como modelo. Enquanto a primeira forma age como modelo e decalque transcendentem, o rizoma é um processo imanente que reverte o modelo, esboçando um mapa. A aparente dualidade que figura no texto de Deleuze e Guattari é imediatamente por eles recusada. A questão não é classificar (“isto é um rizoma, aquilo é uma árvore”), mas antes mostrar que o processo de produção e de agenciamentos são fluxos que englobam tanto um quanto outro processo. “*Trata-se do modelo que não para de erigir e se entranhar, e do processo que não pára de se alongar, de romper-se e retornar*”. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.32)

Considerações Finais:

Chegamos ao final deste ensaio argumentando pela possibilidade de um método rizomático, que tem como principal instrumento a cartografia, que deve acompanhar os acontecimentos. A operacionalização da cartografia visa traçar um plano que, ao seguir a fala dos atores, tem como objetivo perceber os movimentos de territorialização e desterritorialização produzidos a partir da multiplicidade de agenciamentos¹⁰ e dispositivos que são ativados na produção de subjetividades. No âmbito de uma pesquisa, deve-se levar em conta os afetos produzidos no plano de consistência estudado, sempre tendo em vista a regra de prudência com a vida.

Ao utilizarmos o rizoma como método para apreender um mundo que se produz como rede, é preciso que estejamos sempre atentos para não cairmos no esquema transcendente da árvore; isto é, o pesquisador não pode ser capturado pelo esquema classificatório e reducionista de hierarquização, já que assim estaremos criando um decalque que será supervalorizado, criando uma estagnação nas formas de agenciamentos e produzindo pré-conceitos e discursos de autoridade. Para tanto, é importante ter sempre em mente os princípios do rizoma que irão sempre orientar a cartografia. Neste processo, não se deve privilegiar nenhuma entrada e nenhuma saída, pois todos os dispositivos são válidos e influem na composição dos territórios. A

¹⁰ Como foi visto, os agenciamentos têm um caráter multifacetado que engloba diferentes tipos de atores, o que inclui desde máquinas até humanos; ele é um coletivo.

análise simétrica de todos os efeitos produzidos na rede é necessária para se compor um mapa da mesma.

Além disso, devemos ter ciência que o decalque é apenas um momento do mapa que já nasce obsoleto, servindo assim, não como modelo, mas como a referência que temos daquele momento estudado. A utilidade posterior do decalque é justamente o de ser colocado em cima do mapa, para que possamos avaliar que movimentos de expansão e de contenção foram criados, assim como as árvores e as linhas de fuga. Se não tivermos isto como parâmetro, ao invés de produzirmos rizomas, estaremos produzindo grades que aprisionam as multiplicidades e clausuras capazes de obstruir novos agenciamentos.

Artigo recebido em 08/11/2007 e aceito em 31/03/2008.

Referências

CRAWFORD, T. An interview with Bruno Latour. *Configurations,1-2*: 247-268, 1983

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: editora perspectiva, 1998.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs* (volume I). São Paulo: editora 34, 2000.

_____. *Mil platôs* (volume III). São Paulo: editora 34, 2000a.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

LATOUR, B. *Jamais fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.

_____. *Ciência em ação*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tische*. São Paulo: Edusc, 2002.

MORAES, Márcia. *História ciência e saúde- Manguinhos* vol.11 no.2 “A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas”. Rio de Janeiro, 2004. pp. 321-333. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000200006. Acesso 14/03/2008.

MORAES, Márcia Oliveira. *Revista Informare*, v. 6, n. 1 “O conceito de rede na filosofia mestiça.” Rio de Janeiro, 2000. Pp. 12-20, 2000. Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br/MM/O%20Conceito%20de%20Rede%20na%20Filosofia%20Mestica.htm>. Acesso: 14/03/2008.

MORAES, M. SILVA, R. *Psico*. V.38 n.2 “Musicoterapia e saúde mental: relato de uma experimentação rizomática”, Rio de Janeiro, 2007. p139-147.

PARENTE, André. *Revista brasileira de ciências da comunicação*. Vol. XXIII, n.1 “Pensar em rede. Do livro às redes de comunicação”. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em:

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/799/582>. Acesso: 20/03/2008.

SERRES, M. (1999). *Luzes – cinco entrevistas com Bruno Latour*. São Paulo: Unimarco.

STENGERS, I. *A Invenção das ciências modernas*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

TADEU, T. CORAZZA, S. ZORDAN, P. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ZOURABICHVILI, F. *O Vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Conexões, 2004.